



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

NATASHA SOARES DO NASCIMENTO

O melodrama no telejornalismo

Brasília-DF

2019

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Natasha Soares do Nascimento

O melodrama no telejornalismo

Brasília-DF

2019

NATASHA SOARES DO NASCIMENTO

O melodrama no telejornalismo

Monografia apresentada junto ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social

Orientador: Prof. João Lanari Bó

Brasília-DF

2019

NATASHA SOARES DO NASCIMENTO

O melodrama no telejornalismo

Monografia apresentada junto ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Comunicação Social

Orientador: Prof. João Lanari Bó

Banca Examinadora

Prof. João Lanari Bó (orientador)

Prof. Paulo Paniago (membro)

Prof. Marcelo Feijó (membro)

Prof. Jairo Faria (suplente)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, ao meu orientador, Prof. João Lanari, que sempre foi muito atencioso e acreditou no meu potencial, sendo esta a segunda vez que me orienta em um trabalho de conclusão de curso da Comunicação. Com base em sua vasta experiência, ofereceu uma série de sugestões e críticas que contribuíram de forma efetiva para o desenvolvimento desta monografia.

Ao Coordenador de Curso, Sérgio Ribeiro, que resolveu com presteza e compreensão algumas pendências administrativas, quando estava quase desistindo de concluir o curso de Jornalismo, devido a algumas dificuldades que vivenciei em sala de aula.

Ao meu pai, Carlos Roberto (*in memoriam*), por seu incentivo, sua vibração e seu entusiasmo pelos trabalhos que desenvolvi durante o curso, principalmente as minhas matérias no jornal *Campus Online*. Tenho a certeza de que, em outro plano, está muito orgulhoso de mim por concluir esta monografia e ver que estou perto de alcançar a minha meta.

À minha mãe, Ciane Gualberto, por sua constante proteção, pelo apoio em momentos difíceis e pelo estímulo para que realizasse os cursos de graduação de minha própria preferência. Agradeço ainda por discutir alguns pontos que decidi abordar nessa monografia e por sugerir itens bibliográficos para este trabalho.

Ao meu amigo de todas as horas, Mateus Raynner, por seu carinho e apoio, por ter sempre um ombro amigo para ouvir meus desabafos sobre minhas dificuldades para concluir uma segunda graduação. Seus conselhos, com base em sua própria experiência nesta Universidade, foram fundamentais para prosseguir com segurança e tranquilidade nessa minha caminhada acadêmica.

À minha querida amiga e colega da Faculdade de Comunicação, Ana Seganfredo, por sua amizade valiosa e por me estimular com seu otimismo. Ela, que sempre esteve ao meu lado durante as duas graduações, tanto nos dias de alegria e de produtividade, quanto nos dias de angústia e incerteza, me ajudou a superar obstáculos inesperados.

Aos Secretários da Graduação do Departamento de Comunicação, Rogério e Christiane, pela presteza, pela atenção e pelo profissionalismo no atendimento às demandas que encaminhei ao Departamento, durante o período do curso de graduação.

Resumo

Esta monografia investiga como o jornalismo televisivo brasileiro assimila recursos derivados do cinema, mais especificamente do gênero conhecido como melodrama para conquistar mais audiência. Observa o desenvolvimento das narrativas jornalísticas no sentido de garantir a empatia e a identificação dos espectadores com os personagens exibidos. Também traz a análise de dois casos de sequestro de ônibus de grande repercussão ocorridos no Rio de Janeiro, com o objetivo de mostrar o grau de sensacionalismo na cobertura dos dois episódios. O caso do ônibus 174, em 2000, e o do sequestro do ônibus na ponte Rio-Niterói, em 2019, foram dois episódios muito explorados pela imprensa, de forma sensacionalista e muitas vezes, tendenciosa.

Palavras-chave: jornalismo, cinema, melodrama, telejornalismo, sensacionalismo.

Abstract

This monograph investigates how Brazilian television journalism assimilates resources derived from cinema, specifically the genre known as melodrama to gain more audience. It observes the development of the journalistic narratives in order to guarantee the empathy and identification of the spectators with the displayed characters. It also presents the analysis of two cases of bus hijacking that occurred in Rio de Janeiro, aiming to show the degree of sensationalism in the coverage of both episodes. The 174 case, in 2000, and the Rio-Niterói kidnapping, in 2019, were two episodes very exploited by press, in a sensacionalistic way, and in many cases, biased.

Keywords: journalism, cinema, melodrama, television news, sensationalism.

Lista de imagens

Imagem 1 – Cena do filme <i>O medo devora a alma</i> , de Rainer Werner Fassbinder.	12
Imagem 2 – “A realidade transcende a ficção”. Cartaz do Filme <i>Ônibus 174</i>	14
Imagem 3 – William Bonner apresenta o <i>Jornal Nacional</i> em frente à boate Kiss, que incendiou no Rio Grande do Sul, em 2013.	17
Imagem 4 – Mulher aos prantos aguarda informações sobre familiar desaparecido na tragédia de Brumadinho, MG.	18
Imagem 5 – Uma das vítimas, Janaína, escreve no vidro do ônibus.	22
Imagem 6 – Sandro sai do ônibus com Geísa como escudo.	23
Imagem 7 – DVD do filme <i>Ônibus 174</i> traz a frase “Sandro era invisível para a sociedade, ... até subir no ônibus 174”.	25
Imagem 8 – Telefonema de Janaína para o pai é transmitido no <i>Jornal Nacional</i>	27
Imagem 9 – Sandro é levado por policiais para o camburão.	28
Imagem 10 – Câmera de segurança de ônibus mostra Willian em conversa com o motorista do ônibus.	29
Imagem 11 – Willian sai do ônibus usando uma máscara.	30
Imagem 12 – Governador do estado do Rio de Janeiro comemora o fim do sequestro.	33

Sumário

Introdução	9
Referencial Teórico	12
Capítulo 1 – O Melodrama no Telejornalismo	16
Capítulo 2 – O caso do ônibus 174: o sensacionalismo exagerado pode matar?	22
Capítulo 3 – O caso do sequestro do ônibus na ponte Rio Niterói: cobertura menos sensacionalista?	29
Conclusão	36
Referências Bibliográficas.....	38

Introdução

O presente trabalho tem como tema a análise de como o jornalismo televisivo utiliza recursos advindos do gênero cinematográfico melodrama com o objetivo de garantir a empatia do espectador sobre as reportagens transmitidas e torná-las mais emocionantes. Desta maneira, os telejornais apelam para o sentimento do público, seja por meio da forma como os apresentadores e repórteres narram, da escolha de certo vocabulário, da maneira como filmam, da trilha sonora utilizada, das técnicas de edição, dentre outros.

Os telejornais são programas televisivos que divulgam notícias variadas que tratam de assuntos tais como política, crimes, desastres naturais, acidentes de trânsito. É narrado, em geral, por um ou dois apresentadores chamados de âncoras, têm por característica a periodicidade e podem oferecer notícias globais ou específicas para cada localidade.

Tais programas de TV exploram os dramas humanos para atrair a atenção dos espectadores. Em geral, são exibidos em horários de pico (de manhã cedo, horário de almoço, final da tarde, noite e início da madrugada), com muita audiência e, portanto, muitos anunciantes. Apesar da concorrência dos sites e dos canais de notícias da TV a cabo, 24 horas no ar, ter impactado na diminuição dos espectadores dos telejornais tradicionais, os níveis de audiência do *Jornal Nacional* (JN), da TV Globo, continuam altos.

O envolvimento do público se dá por meio de sensações intensas. Gui Debord (1997: 17) afirma que, na lógica da sociedade do espetáculo, “[...] o que aparece é bom, o que é bom aparece”. É difícil para a audiência reconhecer o que é espetáculo e o que é real, ela se submete aos espetáculos consumistas.

Todos nós temos passar por experiências como as que são narradas nos telejornais. Os telejornais utilizam isso a seu favor, pois assim o público se identifica com o que está sendo apresentado. Essa ideia de espelhamento é importante e está sempre presente nos telejornais. O gênero melodrama também se utiliza da identificação popular. Braga (2005) afirma que o público das classes populares se identificou desde o início com o gênero melodrama por conta de temas como a vitória do bem contra o mal e a justiça contra a opressão.

O melodrama é, em sua essência, um espetáculo popular. Martín-Barbero (2003) afirma que, por meio do melodrama, as classes populares não só têm acesso à cultura hegemônica, mas também têm a possibilidade de comunicar sua memória e experiência.

Xavier (1998) explica que, com o telejornalismo, temos acesso à intimidade e aos piores valores do próximo. Porém, segundo o autor, há a neutralização do efeito crítico devido ao interesse pelas imagens e não pela essência do ocorrido. No telejornalismo, podemos observar que há uma busca de resgate da virtude sobre os fatos ocorridos, mas ao mesmo tempo há uma ênfase no voyeurismo.

O melodrama sempre foi um gênero de grande sucesso por seu impacto na emotividade e no envolvimento das pessoas, o que gera maior identificação do público com os personagens, que em geral sofrem por certos comportamentos agressivos contra eles. Cordeiro (2005) afirma que, no melodrama, destacam-se características como o exagero ou o excesso, o moralismo e a vitória do justo.

Apesar de o melodrama ser um gênero muitas vezes visto de maneira negativa, conhecido como um gênero do povo, apelativo e de mau gosto, na realidade, é muito relevante, sendo utilizado por grandes cineastas ao longo da história do cinema. Segundo Pérez Rubio (2004), esse é um dos gêneros mais interessantes da expressão fílmica. É um dos estilos cinematográficos mais variados e amplos, mas segue sendo o que desfruta de menor prestígio entre o público e até mesmo entre muitos estudiosos. O autor explica que, desde suas origens, o cinema elegeu o melodrama para tratar do desejo, da infidelidade, da dor, do sacrifício e da melancolia. O melodrama é um campo de estudo para a “complexidade da alma humana”, afirma Pérez Rubio (2004).

A palavra melodrama é junção da palavra grega *melos* (som) e da latina *drame* (drama). O estilo surgiu como ópera teatral, passou pela literatura, pelo rádio, e encontrou seu espaço no cinema e explodiu na televisão. Dias (2010) afirma que grande parte da estrutura formal utilizada para a organização de espetáculos do gênero foi levada para o cinema. A maneira exagerada de atuar, os clichês narrativos e os valores sociais presentes em um, foram para o outro.

É comum que os jornais utilizem um vocabulário com apelo emocional, com palavras fortes como “dor”, “comoção”, “sofrimento”, “choque”, “marginal”, “devastação”, entre outras. Pessoas chorando, gritando, contorcendo-se, por dor ou sofrimento, também

características típicas do melodrama, podem ser vistas todos os dias nos mais diversos telejornais do país.

Acredito que este trabalho será importante para que possamos estudar como os telejornais, que se dizem isentos, imparciais e sérios, também recorrem a recursos advindos do teatro e do cinema, do melodrama, para que o noticiário se torne mais atraente.

Decidi fazer um trabalho com esse tema porque durante a minha primeira graduação, em Audiovisual, estudei bastante o gênero melodrama e fiz a minha monografia sobre o filme alemão *O medo devora a alma* (1974), de Rainer Werner Fassbinder. Um filme que leva o espectador a se inquietar e a se questionar sobre comportamentos discriminatórios que fizeram parte do cotidiano de diversas gerações de alemães.

O melodrama é um gênero cinematográfico que fez bastante sucesso na Hollywood dos anos 50. Os filmes americanos do cineasta alemão Douglas Sirk, conhecido como o príncipe do melodrama, influenciaram bastante o trabalho de Fassbinder. Na década de 1950, Sirk fazia, a partir de seus melodramas, um retrato dos costumes da sociedade americana. Seus filmes mostravam assuntos tocantes, tais como problemas familiares, casais em crise, tragédias, doenças, neuroses e conflitos sociais.

Nesse período em que estava estudando o melodrama, percebi, ao assistir casualmente jornais na televisão, que eles também eram influenciados por esse gênero cinematográfico. A pesquisa que realizei com base em diversos autores para a elaboração da monografia em audiovisual forneceu a base conceitual para a compreensão do fenômeno.

Acredito que este trabalho será importante para a compreensão de que o telejornalismo não é apenas o ato de se transmitir uma notícia, de forma simples e direta. E de que o jornal não é totalmente isento ou imparcial. Espero que o estudo e a conclusão dessa monografia possam contribuir para o debate entre jornalismo e ficção.

O telejornalismo, na sociedade capitalista em que vivemos, tem como principal parâmetro a necessidade de gerar lucro para as emissoras. Para tal, é necessário que o jornal seja atrativo e interessante, além de apenas informar. Meu objetivo é o de apontar caminhos para que seja possível não apenas aos estudantes de jornalismo, mas também aos consumidores de telejornais, perceberem com mais clareza que aquilo que estão

assistindo não é a mais pura realidade dos fatos, como os canais afirmam. Em última análise, espera-se contribuir para um senso crítico mais apurado da audiência.

Referencial Teórico

Para estudar sobre o gênero melodrama, em primeiro lugar, consultei o artigo de Edmundo Cordeiro, *Sirk e Fassbinder: o que é o melodrama?* O autor explica que o melodrama pode ser caracterizado genericamente por certas particularidades de narrativa como, por exemplo, o inocente que é maltratado pelo destino ou por alguém considerado “mau” e que, com ajuda de outra pessoa, e buscando forças no mais fundo de si, consegue reverter certa situação a seu favor e ter um final feliz. Essa fórmula, apesar de ser feita para narrativas ficcionais, muitas vezes é utilizada por telejornais para contar uma história real. O exagero e o excesso são características muito presentes no melodrama, que trabalha sempre com emoções fortes e extremas.



Imagem 1 – Cena do filme *O medo devora a alma*, de Rainer Werner Fassbinder.

Outro artigo significativo para o meu trabalho foi *O melodrama como gênero jornalístico: um olhar sobre o caso Isabella Nardoni*, de Isabel Orofino. Este artigo trata sobre a midiatização do caso da menina de apenas cinco anos que foi atirada do sexto andar de um edifício. O caso se tornou um episódio de comoção nacional, seu assassinato em 2008 e o julgamento dos acusados de sua morte, em 2010, foram amplamente divulgados nos telejornais do país. A autora explica que a cobertura deste caso feita pela Rede Globo de Televisão trazia palavras, sons e imagens que se parecem muito com a estrutura de uma telenovela. Ela também põe à prova a “falácia” de que o jornalismo seria um espaço de objetividade, imparcialidade e neutralidade, identificado

no fato de o jornal ter dividido a narrativa não ficcional em “capítulos”, com o objetivo de ampliar os anúncios.

Também foi relevante para a monografia o livro de Jesus Martín-Barbero, *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. O autor investiga os processos de comunicação contemporâneos, a cultura de massa e a indústria cultural. Quanto ao melodrama, afirma que foi esse gênero que levou à transformação do que era considerado popular para massivo. O site Significados explica que “cultura massiva ou cultura de massa é o produto da chamada Indústria Cultural, consistindo em todos os tipos de expressões culturais que são produzidos para atingir a maioria da população, com o objetivo essencialmente comercial, ou seja, de gerar produtos para o consumo”. Martín-Barbero explica que o melodrama surgiu na França e na Inglaterra em 1790, quando a classe baixa não tinha acesso ao teatro e peças com temas do cotidiano e da cultura popular passaram a ser encenadas ao ar livre. Depois, o gênero foi levado para o cinema, para o rádio e para a televisão. Os efeitos sonoros para aumentar a emoção também tiveram origem no melodrama. Segundo o autor, o melodrama é o gênero mais popular na América Latina. Um gênero que fala daquilo que somos e do que queremos ser, por isso umas das suas características mais importantes é a identificação.

O documentário de José Padilha, *Ônibus 174* (2002), também foi de grande importância para a monografia. O filme traz uma análise detalhada sobre o episódio conhecido como sequestro do ônibus 174. O diretor, de maneira sensível e sem pré-julgamentos, trata de um dos mais famosos casos de violência urbana do país. Há muitas imagens do sequestro, devido à ampla cobertura da mídia. Por isso, o documentário utiliza apenas cenas reais do sequestro, abrindo mão de simulações, como é comum em filmes do gênero. Também conta com diversas entrevistas com pessoas que fizeram parte da vida do sequestrador, o que o torna mais humano. Além disso, apresenta depoimentos de envolvidos no sequestro, policiais e reféns.

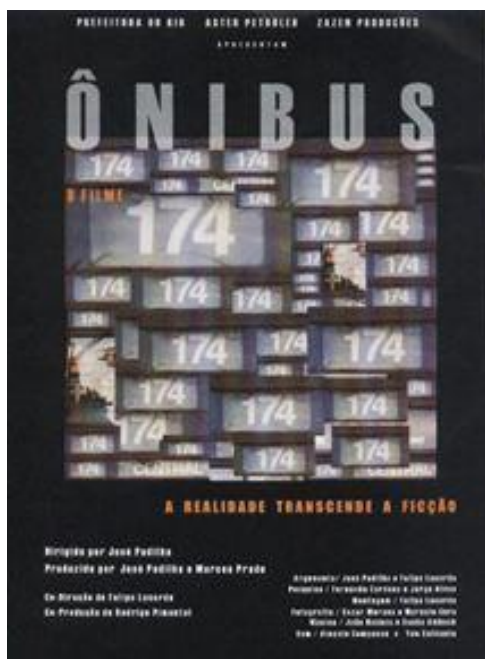


Imagem 2 – “A realidade transcende a ficção”. Cartaz do Filme *Ônibus 174*.

Também estudei o artigo de Ismail Xavier, *Melodrama, ou a sedução da moral negociada* (1998). Ele analisa as razões pelas quais o melodrama permanece dominando o mundo do espetáculo desde a sua origem, no teatro, até os dias atuais, no cinema e na televisão. Verifica os desdobramentos do gênero que tomam novos rumos ao longo dos anos. Nos anos 70, principalmente com Fassbinder, o que era para ser um cinema simples e maniqueísta, ganha um tom mais reflexivo e irônico. Também fala sobre a importância do caráter visual dos filmes melodramáticos, que, combinado ao sentimentalismo, garantiram ao estilo cinematográfico forte hegemonia no mundo do espetáculo. O autor termina seu texto afirmando que o melodrama encontra claros desdobramentos na sociedade que Guy Debord define como “sociedade do espetáculo”. Um exemplo desses desdobramentos é a ênfase dos telejornais em entrevistar parentes de vítimas, chorando e se lamentando, em locais de tragédias, como a do rompimento da barragem da mina do córrego do Feijão em 2019, no município de Brumadinho – MG, que foi considerado um dos maiores desastres - industrial, humanitário e ambiental - com rejeitos de mineração no país.

E por último, o livro de Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*, que trata do processo de alienação que acontece como consequência do modo capitalista de organização social. Segundo o autor, o espetáculo seria utilizado pela burguesia para alienar a população e torná-la passiva diante das injustiças. “O espetáculo submete a si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente”, afirma

Debord. Essas afirmações são interessantes para serem comparadas com o telejornalismo, que hoje dita o que é verdade e o que não é, afirmando ser isento.

Capítulo 1 – O melodrama no telejornalismo

É possível afirmar que o melodrama esteve sempre presente no telejornalismo. Este gênero surgiu no teatro, foi introduzido posteriormente no cinema e, hoje em dia, também compõe muito dos programas de televisão, sejam eles, novelas, filmes, séries e também reportagens jornalísticas, principalmente aquelas que veem a ser denominadas sensacionalistas.

O melodrama se popularizou durante o século XVIII, quando houve uma mudança no público dos teatros, que passaram a ser frequentados pelas classes populares. Desse modo, na época da Revolução Francesa (1789-1799), surgiu o que é chamado de “estética melodramática”. Cláudia Braga (2005) explica que esse novo gênero agradava a todas as classes sociais. As classes populares apreciavam o melodrama porque passaram a se ver em personagens oprimidos, porém triunfantes. A burguesia gostava do fato de o melodrama reforçar os valores tradicionais. A aristocracia apreciava os espetáculos porque eles apresentavam o reconhecimento do poder estabelecido.

Apesar de o telejornal ser definido como um documento frio e lógico da realidade, podemos observar uma estrutura bem parecida com a que é vista nos filmes de melodrama. Em diversas reportagens, há personagens que sofrem adversidades da vida. Os casos mais comuns são pessoas vítimas de violência, atingidas por desastres naturais ou com enfermidades graves. Também são apresentados casos de pessoas que superaram alguns desses percalços.

O jornalismo determina o que é ou não digno de ser veiculado levando em consideração algumas questões, como, por exemplo, a atualidade, a veracidade e o interesse do público sobre o assunto, se ele afeta ou não a audiência. De um modo geral, afirma-se que o jornalismo é determinado pela curiosidade do público. Em geral, o telejornal inicia com a notícia mais importante do dia e termina com uma notícia considerada leve, como um caso de superação, por exemplo.

Huppés (2000) afirma que o melodrama está presente principalmente nos produtos culturais de comunicação de massa e se mostra “plenamente sintonizado com a lógica da sociedade de consumo”. No Brasil, os telejornais exibidos nos canais abertos, geralmente têm como público-alvo as camadas mais pobres do país, enquanto o público

com maior poder aquisitivo assiste jornais de TV por assinatura, que geralmente são mais detalhados.

É comum ouvir que os jornais têm como objetivo “levar a informação de forma clara e direta”. Em 2005, William Bonner, editor e apresentador do *Jornal Nacional*, o noticiário televisivo com mais audiência do país, comparou seus espectadores ao personagem, Homer Simpson, o patriarca da série de animação *Os Simpsons*. O comentário foi feito em uma reunião com professores da USP. Após ser criticado por essa comparação, já que se trata de um personagem caricatural, Bonner afirmou que queria dizer que o público do jornal é como aquele pai de família que trabalha o dia inteiro, chega em casa cansado e quer assistir as notícias. O apresentador diz que o JN tem como objetivo atingir pessoas de todas as classes e de todos os níveis de escolaridade. Um dos professores presentes na reunião também criticou o editor por evitar a divulgação de notícias de maior impacto social e político. Subentendida está a crítica que o *Jornal Nacional* subestima a inteligência dos seus espectadores e os manipula.



Imagem 3 – William Bonner apresenta o Jornal Nacional em frente à boate Kiss, que incendiou no Rio Grande do Sul, em 2013.

Porém, é interessante lembrar que a afirmação de Bonner está em convergência com o melodrama, que é um gênero criado com o objetivo de atingir todas as classes. Utiliza

temas do cotidiano, abordados de forma superficial para, desse modo, alcançar também as pessoas que não possuem nenhum grau de escolaridade.

De modo geral, os telejornais abordam de maneira pouco profunda os assuntos do nosso cotidiano, isso se deve, entre outros motivos, a rapidez com que as questões devem ser apresentadas. Boldrin (2015) afirma que a superficialidade de conteúdo e a simplicidade estética do telejornal são características que se aproximam do gênero melodrama, no sentido que, segundo a autora, os dois apresentam conteúdos rasos e de fácil entendimento.

Uma das maneiras de atrair a audiência é despertar a emoção das pessoas. E um modo de fazer isso é apresentar personagens que estão sofrendo e chorando. “As lágrimas redimem, as lágrimas purificam”, afirma Oroz (1999). É uma questão cultural; Lanza (2008) diz, nesse sentido, que “[...] o melodramático está na cultura do homem que, apesar de uma vida frenética, busca uma maneira de ver o mundo cotidiano, de forma a transformar a realidade quase em ficção”. Vale a pena lembrar que o jornal com mais audiência da TV é exibido entre duas telenovelas com fortes conteúdos melodramáticos, o que proporciona um caudal de emoções.



Imagem 4 – Mulher aos prantos aguarda informações sobre familiar desaparecido na tragédia de Brumadinho, MG.

Ribeiro (2013) afirma que, assim como o teatro, as telenovelas também representam a cultura do povo. A autora ainda diz que as telenovelas brasileiras “trazem aspectos da cultura nacional, integrando e construindo ao mesmo tempo sua identidade”. Ultrapassa a função de entretenimento, espelha a realidade do cotidiano. Barbero (2003) afirma que

o melodrama é o gênero mais popular na América Latina, é o modo de expressão mais aberto à cultura de um povo. O reconhecimento é a essência desse gênero, e nas tramas é revelado muito daquilo do que somos ou do que desejamos nos tornar. O autor enfatiza o papel das telenovelas “na representação da realidade dos países latino-americanos e na capacidade de comunicação desse formato com o grande público”.

Em 2002, o “caso do menino Pedrinho”, raptado da maternidade em Brasília no final dos anos 80, foi desvendado. Após dezesseis anos, o rapaz foi encontrado, criado pela sequestradora, em Goiânia. Uma trama que poderia muito bem ser vista nas novelas da Rede Globo. Walter de Souza Junior (2006) explica que há semelhanças entre a reportagem de jornal e a narrativa de telenovela. O autor dá exemplos: a história contada de modo seriado; a existência de numerosos personagens e diferentes núcleos; a importância dos diálogos, geralmente editados; o envolvimento do repórter, entre outros recursos. Apenas no *Jornal Nacional* foram exibidas 40 reportagens sobre o caso ao longo de sete meses. Elementos melodramáticos estão presentes nas reportagens sobre esse caso. O autor cita: a providência; a virtude; o sofrimento por amor; a vilania, as vítimas, a reviravolta e o resgate. O caso da criança roubada na maternidade inspirou a novela das nove *Senhora do Destino*. Escrita por Aguinaldo Silva, a novela pretendia contar uma história baseada na realidade do povo brasileiro.

É interessante observar que, ao longo dos anos, o melodrama sempre conseguiu manter uma estreita relação com o público devido ao sentimentalismo. Algumas situações comuns em enredos melodramáticos são casos de impedimento contra o protagonista, como conflitos com familiares, provas, o inesperado, o suspense, o herói. Xavier (1998) explica que o melodrama exhibe um mundo simples, em que “os projetos humanos parecem ter vocação de chegar a termo e o sucesso é produto do mérito e da ajuda da providência” e já o fracasso é consequência de um complô alheio à vítima, que é isenta de qualquer culpa.

Lanza (2008) afirma que em programas jornalísticos como o *Globo Repórter*, da Rede Globo, é comum observar características melodramáticas nas notícias. O programa é narrado para criar um suspense e o desfecho fica para o final, de forma a criar expectativas no espectador. A autora afirma que o espetáculo da notícia é tanto que já não se sabe mais se “a vida imita a arte” ou se “a arte imita a vida”.

Para levar fortes emoções aos espectadores, muitos aspectos são empregados nos telejornais, como os textos de chamada, as expressões faciais, a maneira de falar, o tom de voz, a trilha sonora, enquadramentos e cortes, edição e montagem, a escolha dos entrevistados, entre outros. O telejornalismo da Rede Globo, por exemplo, afirma ser objetivo e imparcial, com o fim de criar credibilidade. E o espectador acredita que aquilo que está assistindo é a verdade absoluta, mas, na verdade, a cobertura jornalística é uma interpretação da realidade.

Os jornais tendem a expressar opiniões convergentes com seus interesses e de seus anunciantes. Um anúncio no *Jornal Nacional*, por exemplo, pode custar mais de um milhão de reais. Uma reportagem do portal da UOL, *Notícias da TV*, explica que, para um *break* exclusivo, com apenas um anunciante durante todo o intervalo, custa um milhão e 320 mil, o mais caro da TV. Uma propaganda de 30 segundos custa pouco mais de milhão.

O *Jornal Nacional* é o principal jornal do país, sendo líder de audiência, entre os programas do mesmo estilo. Rocha (2004) explica que o JN tem um modelo baseado nos jornais americanos, em termos de linguagem e narrativa e também da presença do repórter no vídeo. O autor explica que sua principal característica é o refinamento formal, chamado por eles de “padrão Globo de qualidade”, que consiste em locução de frases curtas e simples, o cuidado com o visual, a qualidade das imagens e as edições das matérias.

Os telejornais tendem a realizar matérias sensacionalistas. O dicionário *Aulete Digital* tem as seguintes definições para a palavra sensacionalismo: “Caráter ou qualidade de sensacional; interesse em buscar ou explorar assuntos sobre fatos ou pessoas, que possam provocar escândalo, impacto e chocar a opinião pública; a divulgação dessa matéria em jornais, revistas, rádio, televisão, etc”.

Calmon (2004) diz que é comum ver notícias sensacionalistas apresentadas em telejornais considerados sérios. Imagens e relatos que causam reações emocionais, mais do que racionais. A autora explica que, nesse tipo de programa, a violência é apresentada de “maneira disfarçada”, como se fosse para tirarmos uma lição ou para melhorar a sociedade, mas, na realidade, o principal objetivo é a audiência, que se interessa por esse tipo de conteúdo.

O povo aprecia o melodrama porque se vê nos filmes, por isso as características desse gênero são utilizadas nos telejornais com o intuito de mostrar como as pessoas e suas preocupações podem estar representadas nas matérias. A realidade utilizada como inspiração para a ficção é válida. Mas pode ser um problema quando a ficção é levada para a realidade, no caso, os telejornais. As matérias podem perder a objetividade e se tornam sensacionalistas.

Capítulo 2 – O caso do ônibus 174: o sensacionalismo exagerado pode matar?

No dia 12 de julho de 2000, um ônibus da linha 174 foi sequestrado no bairro do Jardim Botânico, zona sul do Rio de Janeiro. Durante cinco horas, os passageiros permaneceram sob a mira da arma de Sandro Barbosa do Nascimento. O incidente deixou dois mortos, uma jovem professora de apenas 20 anos, Geísa Firmo Gonçalves, e o sequestrador.

O sequestro logo se tornou um espetáculo para a imprensa, que exibia o drama dos passageiros ao vivo na televisão. Sandro, aparentemente, utilizou as câmeras para apresentar suas exigências e aumentar o medo, o que piorou a situação. Apontou a arma para os jornalistas, fez disparos para assustar a imprensa e a polícia, mandou uma das reféns escrever ameaças com batom no vidro do ônibus, apontava constantemente o revólver na cabeça das vítimas e chegou a fingir que atirava em uma delas.



Imagem 5 – Uma das vítimas, Janaína, escreve no vidro do ônibus.

O terror dos passageiros do ônibus que fazia a rota Gávea-Central começou aproximadamente às 14h20 do dia 12 de junho. Sandro entrou no coletivo e pulou a catraca com um revólver calibre 38 à mostra. Os passageiros conseguiram alertar sobre o possível ataque para um carro da polícia que passava por perto na hora. O ônibus foi

parado e cercado por policiais. Sem ter como fugir, o sequestrador decide fazer os passageiros reféns e tentar negociar sua fuga.

O motorista, o cobrador e alguns passageiros conseguiram escapar pelas portas e também pulando janelas. Porém, 10 passageiros foram tomados como reféns e eram ameaçados de morte o tempo todo. Logo no início do sequestro, Sandro fez o primeiro disparo, um tiro contra o vidro do ônibus, para intimidar fotógrafos e cinegrafistas que já haviam chegado ao local.

Sandro liberou um rapaz chamado Willians de Moura e uma mulher, Damiana, que sofreu um AVC durante o sequestro. O criminoso fez Janaína Neves de porta-voz e a obrigou a escrever com batom nas janelas do ônibus frases como “ele vai matar geral”, “ele tem pacto com o diabo” e “ele é louco”. Janaína foi ameaçada várias vezes com a arma em sua cabeça. Em uma dessas ocasiões, Sandro afirmou que contaria até cem e no final da contagem ele a mataria e simulou dar um tiro em sua cabeça.

Às 18h50, Sandro decidiu sair do ônibus usando Geísa Gonçalves como escudo. Naquele momento, um policial disparou contra Sandro, mas errou o alvo e atingiu Geísa de raspão no rosto. Em reação ao primeiro disparo, Sandro deu mais três tiros nas costas da jovem.



Imagem 6 – Sandro sai do ônibus com Geísa como escudo.

Depois que a refém estava morta, Sandro foi imobilizado e uma multidão correu para linchá-lo, mas a polícia o colocou em uma viatura e o matou por asfixia dentro do

veículo. Dois anos depois, os policiais foram levados a julgamento e absolvidos pela justiça. O desfecho trágico do caso foi marcado por decisões equivocadas por parte da polícia e das autoridades.

A primeira versão dada pela polícia era a de que Sandro havia morrido vítima do disparo feito pelo policial, mas, no dia seguinte, depois de imagens de televisão e de laudos do Instituto Médico Legal, a versão verdadeira foi apresentada.

O sequestro foi televisionado e assistido por milhões de brasileiros. Hipnotizados com tamanha tensão, os telespectadores aguardavam ansiosamente o desfecho deste drama real. O caso é tão impressionante que serviu de inspiração para dois filmes, o documentário de José Padilha, *Ônibus 174* (2002), que mais tarde viria a dirigir *Tropa de Elite* (2007), e o filme de ficção de Bruno Barreto, *Última Parada 174* (2008).

O documentário de Padilha, que também apresenta concepções melodramáticas de narrativa, nos revelou outro drama, o da vida de Sandro do Nascimento. O assunto foi bastante explorado seu filme. O sequestrador era mais uma vítima da violência urbana e da exclusão social que assolam o país. Sandro, que tinha apenas 21 anos quando sequestrou o ônibus, viu a mãe ser assassinada quando era muito pequeno e, aos seis anos de idade, passou a viver na rua e em abrigos. Em 1993, sobreviveu ao massacre realizado por policiais e ex-policiais, que mataram sete meninos que costumavam dormir perto da Igreja da Candelária. O jovem já havia passado diversas vezes por instituições correccionais em sua infância e adolescência.



Imagem 7 – DVD do filme *Ônibus 174* traz a frase “Sandro era invisível para a sociedade, ... até subir no ônibus 174”.

O *Jornal Nacional* foi um dos noticiários de TV que exibiram o sequestro em detalhes para todo o país. As reportagens exibidas no telejornal, assim como no cinema, são uma representação da realidade, um recorte. Dadas as circunstâncias de crime tão violento, o JN mostrou Sandro como uma pessoa agressiva e sem humanidade. Já o filme de Padilha o mostra com mais sensibilidade.

O fato de o sequestro ter sido realizado em um ônibus favoreceu a sua filmagem, devido às grandes janelas do coletivo. Em geral, os sequestros são realizados em locais mais fechados, como no interior de uma residência ou de um estabelecimento comercial ou financeiro, o que dificultaria o registro.

A maneira como esse infortúnio foi transmitido na televisão apresenta características do melodrama, que são, segundo Braga (2005), a tipificação das personagens e a preferência por temas como a perseguição. Ainda segundo a autora, a perseguição é corriqueira em todos os enredos melodramáticos e há sempre uma pessoa, em geral uma moça indefesa, perseguida por um vilão. No caso do episódio do ônibus 174, são as várias jovens ameaçadas pelo sequestrador. Os personagens são apresentados de forma

maniqueísta, como no melodrama, e Sandro é o vilão que atrapalha a paz dos passageiros em sua rotina diária.

O episódio, narrado de forma sensacionalista, tomou grande parte do *Jornal Nacional* na noite do sequestro. A escalada inicial, com as manchetes dos principais casos que foram exibidos naquela noite, dá mais atenção para o sequestro do ônibus. Após as manchetes, há um pequeno *break* de 30 segundos para um anúncio. Em seguida, o jornal começa com Fátima Bernardes, apresentando o caso, “Desespero e morte na zona sul do Rio de Janeiro” é a primeira frase dita pela jornalista.

A matéria apresenta cenas do drama que os reféns passaram naquela tarde. Os passageiros sob ameaça, o tiro disparado contra o vidro em direção aos policiais e repórteres, o disparo que Sandro dá em direção ao chão, simulando matar uma das reféns, entre outras cenas de horror. O sequestrador é apresentado gritando frases como “Já morreu uma, vai morrer outra” e “Vai morrer essa aqui agora na sua frente” apontando a arma para uma passageira. O momento da morte de Sandro e de Geísa também é exibido no telejornal.

Após essa reportagem, William Bonner, o outro apresentador, diz que ainda naquela edição veremos os depoimentos dos reféns “que viveram momentos de pavor na mira do bandido”. Após quase 30 minutos, com o objetivo de prender a audiência, o sequestro volta a ser tratado no programa. É exibido o depoimento de uma refém e, novamente, o momento do tiro no criminoso. Também é mostrada a fala do presidente da OAB, do presidente da república e do governador do estado do Rio.

Depois, é apresentada uma entrevista com pai da refém Janaína Lopes, que acompanhou o sequestro pela TV em Mato Grosso do Sul, onde residia. E o jornal encerra com a imagem de Janaína que liga para o pai de um celular após o sequestro e conta detalhes do que aconteceu naquela tarde e tenta acalmá-lo. Uma conversa que deveria ser particular foi espetacularizada.



Imagem 8 – Telefonema de Janaína para o pai é transmitido no *Jornal Nacional*.

É interessante observar o perfil socioeconômico do sequestrador. Sandro era um foragido da polícia que, aos sete anos, presenciou o assassinato de sua mãe e desde criança, passou diversas vezes por instituições correcionais. Negro, com pai ausente, órfão de mãe, favelado e analfabeto. Sempre sobreviveu de pequenos crimes e era viciado em drogas. Em um país desigual como é o Brasil, ele não possuía perspectivas de melhoria de vida. A maioria dos reféns também eram pessoas pobres, trabalhadores e estudantes. Geísa, que acabou assassinada, era moradora da favela da Rocinha e tinha chegado há pouco tempo no Rio de Janeiro, vinda do Ceará, acompanhando seu namorado em busca de mais oportunidades de trabalho.

Assim como no cinema, os curiosos que circulavam o ônibus e os telespectadores que assistiam o acontecimento, aguardavam o final da trama, que seria a morte do vilão. Não ficaram completamente satisfeitos, pois uma jovem inocente também foi sacrificada.

Sandro sabia que estava sendo filmado e quer se manter como o foco principal, seus atos estavam sendo transmitidos em tempo real para o país todo e para o mundo. Apesar de Sandro ser o vilão, também era protagonista da trama, e, como afirma Monteiro (2002), “produz e traduz o acontecimento em espetáculo para a TV”. As próprias vítimas, quando entrevistadas para o documentário de Padilha, afirmaram que em diversos momentos o sequestrador pedia para que elas “representassem” ou “fingissem” certos atos.

É possível que todo o circo armado pela imprensa durante o sequestro tenha prejudicado o trabalho da polícia para resolver o caso, porque, aparentemente, deixou o sequestrador mais nervoso e gerou expectativa para uma resolução rápida do caso.

Rocha (2004) pondera que, apesar de Sandro ter sido apresentado como um sujeito marginal, “legítimo representante do estereótipo de jovem drogado, favelado e criminoso”, também foi responsável por mudar a conduta dos policiais sobre como agir em casos semelhantes.



Imagem 9 – Sandro é levado por policiais para o camburão.

Capítulo 3 – O caso do sequestro do ônibus na ponte Rio Niterói: cobertura menos sensacionalista?

Após 19 anos da tragédia do ônibus 174, acontece outro grande sequestro de ônibus no Rio de Janeiro, dessa vez na ponte Rio-Niterói. No dia 20 de agosto de 2019, por volta de 6h, um rapaz que carregava um galão de gasolina e uma arma falsa obrigou o motorista do ônibus em que estava a parar. Por meio de celulares, as vítimas contataram seus familiares e a polícia chegou ao local rapidamente. O sequestro, que durou pouco mais de três horas, terminou com o jovem sequestrador morto por um atirador de elite da polícia militar.

Willian Augusto da Silva, de 20 anos, entrou no ônibus, que seguia de São Gonçalo até Estácio, na região central do Rio de Janeiro. Depois de cerca de uma hora de viagem, quando estavam na ponte, o jovem rendeu o motorista, e pediu que parasse o veículo. Em seguida, inutilizou as câmeras de segurança com uma tinta preta. Ele carregava um revólver - que depois foi descoberto que era de brinquedo, uma arma de choque, uma faca e uma garrafa de gasolina que amarrou no teto do ônibus e ameaçava atear fogo.



Imagem 10 – Câmera de segurança de ônibus mostra Willian em conversa com o motorista do ônibus.

O ônibus foi cercado rapidamente pela polícia rodoviária e depois pela polícia militar. Ao todo 39 pessoas foram feitas reféns, sendo que sete delas foram liberadas, quatro mulheres e dois homens. Willian não fez nenhuma demanda específica, saía do ônibus e

voltava. E, em uma dessas saídas, por volta de 9h, o criminoso foi morto pela polícia com seis tiros.

O sequestro do ônibus 174 havia sido um divisor de águas quanto à forma com que a polícia lida com casos de sequestro. Em 2000, ficou claro que a polícia não estava devidamente treinada para casos extremos como aquele. O episódio, que foi amplamente divulgado na televisão, gerou muitas críticas à polícia militar, que fez modificações nas táticas empregadas em sequestro pelo Batalhão de Operações Especiais (BOPE).



Imagem 11 –Willian sai do ônibus usando uma máscara.

Em entrevista para o G1 neste ano de 2019, o especialista em gerenciamento de crise, José Ricardo Bandeira, disse que a ação da polícia no desfecho do sequestro do ônibus na ponte Rio-Niterói foi perfeita. Os policiais acreditavam que o criminoso iria se entregar na última vez que saiu do ônibus, mas quando fez um movimento em direção a porta novamente, o *sniper* decidiu atirar, pois não queria arriscar colocar a vida dos reféns em risco novamente.

Nesse episódio, a cobertura do crime foi claramente menos explorada pela TV, em comparação à do ônibus 174. Em parte, isso aconteceu porque o próprio sequestrador falou que não queria fotógrafos ou cinegrafistas no local. Mas, em 2000, o pedido do sequestrador não impediu que os policiais deixassem filmar tudo o que acontecia dentro do ônibus. A opção do sequestrador do ônibus da Ponte Rio-Niterói é bastante ambígua,

já que ele dizia que estava fazendo aquilo para ficar famoso. Seria esperado de alguém que queria se tornar conhecido que buscasse ser filmado e fotografado, mas essa não foi a escolha de Willian.

Em uma entrevista para o site *O Globo*, em 21 de agosto de 2019, o fotógrafo Fabiano Rocha afirmou que os policiais do BOPE não o deixavam chegar muito perto do ônibus e pediam para que se afastasse, pois um tiro do tipo de arma que o criminoso estaria carregando chegaria até ele e aos demais fotógrafos. Fabiano afirmou na entrevista que quando o BOPE chegou afastou ainda mais todos os repórteres e curiosos do local do crime e determinou que eles permanecessem a cerca de 200m. O cuidado com o distanciamento que a PM demonstrou provavelmente contribuiu para que o sequestro não fosse transformado em um grande espetáculo, como no caso de 2000.

Além disso, é possível supor que a imprensa aprendeu com erros do passado e decidiu por não transformar a situação em um grande circo, isso devido a tragédias de sequestros que acabaram com vítimas inocentes mortas, como é o caso do ônibus 174 e o de Eloá, por exemplo. Em 2008, o sequestro de Eloá Cristina obteve enorme repercussão da imprensa. A jovem de 15 anos ficou refém de seu ex-namorado por quatro dias e acabou morta. Durante esse período, o sequestro foi explorado por emissoras de televisão e acompanhado por milhões de brasileiros. A grande controvérsia aconteceu quando a jornalista Sônia Abrão, que apresentava um programa conhecido por exibir notícias de celebridades, entrevistou o criminoso durante o sequestro, atrapalhando as negociações e ferindo a ética jornalística.

Ao contrário de Sandro, Willian estava, segundo os reféns, bem calmo e afirmava constantemente que não iria matá-los. Apenas quando começou a balançar o isqueiro, ameaçando incendiar o ônibus com gasolina, os reféns ficaram com medo. Como nada disso foi filmado, os telejornais não puderam explorar a notícia de forma tão sensacionalista quanto poderiam se houvesse imagens.

Era claro, desde o início, para a polícia e para os reféns, que Willian não tinha a intenção de realizar um assalto. “Eu só quero entrar para a história” disse o jovem para os passageiros. Ele perguntou aos passageiros do ônibus se eles conheciam o caso do ônibus 174 e afirmou que desejava se tornar famoso como Sandro. A imprensa foi a responsável por tornar Sandro conhecido, principalmente devido à cobertura das negociações transmitida ao vivo. Willian permitiu que as vítimas utilizassem seus

celulares e acompanhava a repercussão do sequestro pela televisão do ônibus. Os celulares também facilitaram que o episódio fosse difundido em tempo real pelos passageiros nas redes sociais.

Uma questão para refletir: se a imprensa não tivesse dado tanta visibilidade ao sequestro do ônibus 174, de modo sensacionalista, com a intenção de gerar lucro, Willian teria tido a ideia de sequestrar o ônibus com a intenção de ficar famoso?

De qualquer modo, são dois casos de sequestro, segundo Merisio (2010), um tema muito explorado nos melodramas, visto que proporciona vários períodos de espera do desenrolar da trama e que pode gerar um final inesperado.

O principal “ato” da cobertura do sequestro do ônibus da ponte Rio-Niterói, mais ainda do que a morte do sequestrador, foi a comemoração do governador do estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, diante desse final. Para muitas pessoas, ficou a impressão de que o governador estava celebrando a morte de Willian, devido à política linha dura de combate ao crime que o governador tem defendido. Mas, segundo ele, não estava comemorando a morte, mas sim a vida, referindo-se aos reféns que saíram ilesos. “O ideal era que todos saíssem com vida, mas tivemos que tomar a decisão de salvar os reféns”, disse o governador.

Após o desfecho do sequestro, a autoridade, que chegou de helicóptero ao local, pulou várias vezes, acenando para a multidão e fazendo gestos de vitória. Em entrevista coletiva, o governador exaltou o trabalho da polícia militar e atacou os defensores de direitos humanos, e mesmo sem indício algum, afirmou que tinha convicção de que o criminoso tinha ligação com o crime organizado, o que não foi confirmado. Willian era um jovem de família humilde, não possuía antecedentes criminais e tinha transtornos mentais.



Imagem 12 – Governador do estado do Rio de Janeiro comemora o fim do sequestro.

A irmã de Willian, Thayná Silva, em entrevista para o site *Ponte Jornalismo*, afirmou que o racismo pode ter piorado o grau de depressão de seu irmão. Conta que o jovem odiava ser negro e ela acredita que ele sofria muito racismo. Segundo Thayná, Willian estava tratando a depressão, tomava remédios para controlar a ansiedade e para dormir. Ele estudava e ajudava o pai na padaria da família. A irmã ficou muito abalada com a morte de Willian e questionou se era necessário matá-lo. Quando soube que ele havia sido alvejado, pensou que poderia ter sido na perna, mas depois entendeu que haviam executado ele. “Eu vi meu irmão ser morto ao vivo, através da TV”, ela relatou.

Em um primeiro momento, a polícia rodoviária federal chegou a afirmar em nota oficial que Willian tinha passagem por estupro, porte ilegal de arma de fogo, tentativa de furto e pela lei Maria da Penha, mas depois a polícia se corrigiu dizendo que ele não tinha passagens pela polícia.

Já que não foi possível realizar uma grande cobertura ao vivo do sequestro, as reportagens focaram mais no entendimento das motivações do crime, com entrevistas com parentes do jovem criminoso e com os reféns. O *Jornal Nacional* deu destaque ao crime, assim como havia feito 19 anos antes no caso do ônibus 174. Porém, a cobertura foi claramente menos sensacionalista. O jornal começou com a cobertura do caso. O apresentador iniciou o jornal com a frase “A polícia do Rio libertou hoje 39 pessoas ameaçadas por um sequestrador dentro de um ônibus”, sem usar nenhuma palavra de impacto para impressionar a audiência.

As vítimas que foram entrevistadas também estavam mais calmas do que as do outro sequestro. Um dos passageiros afirmou para os repórteres que o criminoso anunciou que não queria roubá-los, nem os machucar, que “[...] só queria entrar para a história e que vocês vão ter muita história para contar”, se referindo à imprensa. O JN também transmitiu imagens da câmera de segurança do ônibus, que mostram a movimentação do sequestrador dentro do veículo, comunicando-se com o motorista e com os passageiros.

São exibidas diversas filmagens do ônibus: de alguns reféns que foram liberados inicialmente, do sequestrador quando saiu do ônibus algumas vezes e do trânsito na ponte. A maioria das imagens é realizada de longe ou feitas do alto, em helicóptero. O jornal também apresenta algumas fotos do interior do ônibus, feitas de celulares pelos passageiros.

Vemos uma repórter da TV Globo que estava gravando naquele mesmo instante e se assusta com tiros, enquanto um policial em cima do caminhão de bombeiros faz um sinal positivo, o que leva a jornalista a concluir que o criminoso havia sido atingido.

Depois disso, as imagens mostram o governador descendo do helicóptero no local do crime comemorando e em seguida é exibida uma pequena entrevista com a autoridade em que ele afirma que a principal preocupação era salvar os reféns e elogia a polícia. O momento mais emocionante da reportagem foi mostrar a mãe do sequestrador sendo consolada na delegacia pelo pai de uma das reféns. Em entrevista coletiva, o comandante do BOPE, responsável pela operação, afirmou ter seguido todos os protocolos, inclusive internacionais. A matéria de pouco mais de dez minutos terminou com uma das reféns dizendo que Willian perguntou aos passageiros se eles recordavam do ônibus 174.

A repercussão do caso também foi, como era de se esperar, muito grande nas redes sociais. No *twitter*, *tags* relacionadas com o tema tomaram oito posições das dez do *trending topics* do Brasil. As palavras mais usadas no site logo após a morte do sequestrador eram: Rio Niterói, BOPE, Sniper, Witzel, parabéns governador, sequestrador e #ponterioniteroi. Esta é, sem dúvida, a principal diferença como o caso do Ônibus 174, a presença e a importância das redes na difusão do acontecimento.

O caso dividiu opiniões e virou motivo para discussões políticas, de esquerda e direita. Muitas pessoas criticaram a comemoração do governador após a morte do sequestrador.

A maioria, segundo pesquisa realizada pelo site UOL (2019), desaprovou a conduta do governador ao comemorar a morte do sequestrador, mas aprovou a execução de Willian, já que existia o risco de que pessoas inocentes morressem.

Conclusão

Em um intervalo de quase vinte anos, dois sequestros de ônibus de grande repercussão aconteceram na cidade do Rio de Janeiro. Esses crimes alcançaram uma enorme repercussão na mídia e foram transmitidos em telejornais de todo o país e do mundo. Verificamos que as reportagens sobre os dois sequestros analisados nessa monografia utilizaram recursos melodramáticos, sendo que o mais recente, o da Ponte Rio-Niterói, empregou esses recursos de forma menos intensa do que o do ônibus 174.

As características melodramáticas empregadas nas coberturas televisivas do sequestro do ônibus 174 tornaram as reportagens sensacionalistas e, muitas vezes, tendenciosas. Algumas condições estabelecidas pela polícia, que deixou os jornalistas se aproximarem e filmarem bem próximo à janela e à porta do ônibus, favoreceram a dramatização exagerada, que foi propositadamente orquestrada pelo sequestrador e convenientemente enfatizada na captação de imagens, como pudemos verificar no documentário sobre o caso.

O fato de o criminoso ter aterrorizado jovens mulheres, que eram constantemente ameaçadas, também levou os telejornais a destacarem jovens como se elas fossem as “mocinhas” da trama, personagem comum nos filmes melodramáticos. As frases escritas a mando de Sandro nos vidros do ônibus motivaram ainda mais os jornalistas a descrevê-lo como um monstro, favorecendo uma visão maniqueísta, característica presente nas produções melodramáticas.

No caso do sequestro do ônibus da ponte Rio-Niterói, não foi permitido que os jornalistas permanecessem muito próximos ao ônibus, por questões de segurança, segundo os policiais. Ou talvez pudesse ter sido para deixar o campo livre para que o *sniper*, mantido distante do ônibus, pudesse mirar com mais facilidade em Willian, o sequestrador. O distanciamento das câmeras dificultou que acontecesse uma transmissão tão tensa e dramática quanto a do episódio do ônibus 174.

A tranquilidade com que Willian tratou os reféns e com que esses narraram o acontecimento também fez com que os jornais não colocassem Willian como grande vilão, não permitindo que a fórmula maniqueísta fosse adotada no melodrama e na cobertura do sequestro do ônibus 174.

Nos dois casos, os sequestradores são jovens: Sandro, foragido da justiça, mas sem registro de homicídio e Willian, sem antecedentes criminais e com depressão. Eles sequestraram um ônibus, fizeram os passageiros de reféns e, com essa decisão, selaram seus destinos. Os telespectadores se chocam com esses crimes porque eles vivem em seu cotidiano a violência urbana, daí a questão da identificação, que é um traço do melodrama.

Os dois jovens infratores foram eles próprios marcados profundamente pela violência urbana. Sandro, adolescente, presenciou o assassinato de sua mãe e é um dos sobreviventes do massacre da Candelária e fez questão de afirmar isso durante o sequestro. Willian, por outro lado, queria reproduzir o sequestro realizado por Sandro, dezenove anos depois, porque, como ele disse durante o episódio, queria entrar para a história.

Isso demonstra que o uso do melodrama nos telejornais, além de dificultar a resolução de um caso de violência urbana, que envolva o enfrentamento entre infratores e agentes da lei, pode sugestionar mentes frágeis e provocar a reprodução desses episódios.

Em muitos casos, filmes e novelas tratam superficialmente de temas importantes da vida. Isso é comum em produtos melodramáticos. Os dois episódios abordados na monografia também são enfocados de maneira rasa pelos telejornais, pois, embora tragam depoimentos para traçar o perfil e as motivações dos sequestradores, não aprofundam quanto às questões sociais da desigualdade e às da falta de oportunidades para os jovens negros e pobres, que são o pano de fundo para compreender esses episódios.

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA ESTADO. Homer Simpson, o brasileiro médio, segundo Bonner. *Agência Estado*, 06 dez. 2005. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,homer-simpson-o-brasileiro-medio-segundo-bonner,20051206p5280>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

ANDRADE, Vinícius. Quanto custa anunciar na Globo? Comercial no JN vale mais de R\$ 1,5 mi. *Notícias da TV*, 9 set. 2019. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/quanto-custa-anunciar-na-globo-comercial-no-jn-vale-mais-de-r-13-mi-27923>>. Acesso em 11 out. 2019.

BOLDRIN, Mariana Martins. A imaginação melodramática no jornal nacional. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4607/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Mariana%20Martins%20Boldrin%20-%202015.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BRAGA, Claudia. Melodrama: aspectos gerais do gênero matriz da telenovela. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2402-1.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

BUS 174. Direção de José Padilha e Felipe Lacerda. São Paulo: 2002. Disponível em: <<https://vimeo.com/240313562>>. Acesso em: 20 set. 2019.

CALMON, Carolina Sotelo Pinheiro Du Pin. A violência no horário nobre: Jornal da Band e Jornal Nacional. 2004. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/1315/2/20133336.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

CAPPI, Lis. Sequestro de ônibus no Rio domina redes sociais; leia a repercussão. Poder 360, 29 ago. 2019. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/midia/sequestro-de-onibus-no-rio-domina-redes-sociais-veja-a-repercussao/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

CORDEIRO, Edmundo. *Sirk e Fassbinder: o que é o melodrama?* In: Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 4., 2005, Lisboa.

Cultura de massa. In: *Significados*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cultura-de-massa/>>. Acesso em: 20 nov. de 2019.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DIAS, Henrique. A relação do cinema com melodrama e a novel inglesa. *Revista Universitária de Audiovisual*, UFSCAR, 17 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/a-relacao-do-cinema-com-melodrama-e-a-novel-inglesa/>>. Acesso em 11 jun. 2016.

FILHO, Laurindo Lalo Leal. Nove mestres da USP e William Bonner. *Pragmatismo Político*, 29 ago. 2014. Disponível em:

<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/08/nove-mestres-da-usp-e-william-bonner.html>>. Acesso em: 11 out. 2019.

GAÚCHA ZH. Sequestro no Rio lembra caso retratado no documentário “ônibus 174”. *Gaúcha ZH*, 20 ago. 2019. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2019/08/sequestro-no-rio-lembra-caso-retratado-no-documentario-onibus-174-cjzjvxzat04a101qmcuvzma7c.html>>. Acesso em: 10 out. 2019.

HUPPES, Ivete. *Melodrama: o gênero e sua permanência*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

IUNES. Ivan Luís David. O discurso da mídia impressa no caso do ônibus 174. 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0902-1.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

JORNAL DE BRASÍLIA. Polícia investiga se sequestrador de ônibus no Rio queria “suicídio pela polícia”. *Jornal de Brasília*, 22 ago. 2019. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/brasil/policia-investiga-se-sequestrador-de-onibus-no-rio-queria-suicidio-pela-policia/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

JORNAL NACIONAL, Íntegra 20 ago. 2019. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7858536/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

JORNAL NACIONAL. Sequestro do ônibus 174, 12 jun. 2000. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DVgeOGiC5Xo&t=2>>. Acesso em: 5 out. 2019.

JUNIOR, Walter de Sousa. Apropriações melodramáticas: o caso Pedrinho no *Jornal Nacional* e em *Senhora do Destino*. *Comunicação & Educação*, v. 11, n. 2, p. 197-206, 2006.

LANZA, Sonia Maria. *As narrativas jornalísticas: memória e Melodrama no folhetim contemporâneo*. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

LELLIS, Leonardo. Sequestro ao ônibus 174 mudou a abordagem da polícia. *Veja*, 20 ago. 2019. Disponível em < <https://veja.abril.com.br/brasil/sequestro-ao-onibus-174-mudou-abordagem-da-policia/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às medições: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. In: Nomes da pesquisa em comunicação. Disponível em: <<http://nomespesquisacomunicacao.com.br/verbetes/jesus-martin-barbero/>>. Acesso em 20 nov. de 2019.

MELLO, Igor. Sequestro: redes repudiam postura de Witzel, mas aprovam da PM, diz estudo. *UOL*, 21 ago. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/08/21/twitter-witzel-sequestro-onibus-ponte-rio-niteroi.htm>>. Acesso em: 15 out. 2019.

MERISIO, Paulo. *Melodrama Atual: Mediação entre tradicional e massivo*. 2010. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/5212/3762>>. Acesso em 25 nov. 2019.

MONTEIRO, Eliana. Linha 174 Central – Gávea: o sequestro e a televisão. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, 25., 2002, Salvador. *Anais...* Salvador: Intercom, 2002. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/sippec/ix/trab08.htm>>. Acesso em: 10 out 2019.

MOURA, Carolina. “Vi meu irmão ser morto ao vivo”, diz irmã de sequestrador de ônibus no RJ. *Ponte*, 29 ago. 2019. Disponível em: <<https://ponte.org/vi-meu-irmao-ser-morto-ao-vivo-diz-irma-de-sequestrador-de-onibus-no-rj/>>. Acesso em: 20 out. 2019

OROFINO, I. O melodrama como gênero jornalístico: um olhar sobre o caso Isabella Nardoni. *Comunicação & Educação*, v. 15, n. 2, p. 95-104, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v15i2p95-104>>. Acesso em: 9 out. 2018.

OROZ, Silvia. *Melodrama: O cinema de lágrimas da América Latina*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

PÉREZ RUBIO, Pablo. *El cine melodramático*. Barcelona: Paidós, 2004.

RIANELLI, Erick. Um dia após sequestro de ônibus na Ponte Rio-Niterói, passageiros da relatam preocupação no trajeto. *G1*, 21 ago. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/21/um-dia-apos-sequestro-de-onibus-na-ponte-rio-niteroi-passageiros-da-linha-relatam-preocupacao-no-trajeto.ghtml>>. Acesso em: 10 out. 2019.

ROSÁRIO, Neumar. *Jornalismo e Melodrama: A cobertura do caso Isabella pelo Jornal Nacional*. 2008. Disponível em: <<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Neumar%20Rosario.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

ROCHA, Fabiano. “Fomos afastados do ônibus a pedido do sequestrador”, disse primeiro fotógrafo a chegar ao local do sequestro na Ponte Rio-Niterói. *O Globo*, 20 ago. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/fomos-afastados-do-onibus-pedido-do-sequestrador-disse-primeiro-fotografo-chegar-ao-local-do-sequestro-na-ponte-rio-niteroi-23890103>>. Acesso em: 10 out. 2019

ROCHA, Leonardo Coelho. *O Caso Ônibus 174: Entre o Documentário e o Telejornal*. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/rocha-leonardo-documentario-telejornal.pdf>>. Acesso em: 13 out 2019.

SENSACIONALISMO. Disponível em: < <http://aulete.com.br/sensacionalismo>>. Acesso em: 18 set. 2019.

XAVIER, ISMAIL. Melodrama ou a sedução da moral negociada. *Folha de São Paulo*, 31 maio 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs31059817.htm>>. Acesso em 26 nov. 2018.